



ISSN: 3085-6434

DOI: <https://doi.org/10.71263/vcp46202>

Submetido em 12/2025

Aprovado em 01/2026

FILOSOFIA, ENSINO E SEMIÓTICA: Uma análise do processo de ensino e aprendizado na obra *O Nome da Rosa*

*Cristiano Dias da Silva*¹

Resumo: Esta pesquisa pretende discutir o ensino da filosofia em relação ao texto literário através da pedagogia semiótica apresentada pelo personagem Guilherme de Baskerville na trama *O nome da rosa*. Nesta Frei Guilherme

¹ Doutor em LETRAS pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestrado em FILOSOFIA pela Pontifícia Università Regina Apostolorum de Roma, Itália (UPRA). Professor efetivo do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFsertaoPE) - Campus Petrolina e Docente Permanente no programa PROF-FILO Mestrado Profissional em Filosofia Núcleo IFsertãoPE - Campus Zona Rural. E-mail: cristiano.dias@ifsertao-pe.edu.br.

ensina seu discípulo Adso de Melk a interpretar o mundo e a vida através dos signos. Para isso em um primeiro momento será feito uma exposição do emblemático episódio do cavalo Brunello logo no início da obra onde Guilherme apresenta seu método semiótico de descoberta de enigmas que pareciam não ter solução. Esta metodologia semiótica vai sendo paulatinamente ensinada para seu discípulo Adso que a absorve como instrumento do processo do filosofar para resolver problemas práticos da vida. Numa segundo etapa discutiremos o drama das misteriosas mortes no monastério apresentando o significado filosófico em relação aos símbolos do apocalipse e os lugares do espaço físico do monastério como: estribaria, pocilgas, biblioteca, horto, capela. Paralelo a isso será apresentada o percurso e a evolução do ensino e aprendizado realizado entre mestre e discípulo por meio das leituras de signos hiper codificados e meta-abdução. Neste sentido, o texto literário apresenta um contato com a filosofia considerando que aquilo que não se pode apreender através da pura teoria apresenta-se mais acessível por meio da narrativa e suas figuras. O espaço fechado do monastério será reinterpretado neste estudo em comparação com ambientes fechados da sociedade pós-moderna como condomínios de luxo onde se busca total independência dos que estão extramuros consolidando uma dura divisão social entre pobres e ricos. Portanto, a

pedagogia semiótico presente na narrativa de Eco apresenta não apenas uma releitura da enciclopédia cultural do medievo, mas um instrumento semiótico que pode ensinar o estudante da sociedade contemporânea a interpretar melhor os signos e significados do mundo atual, principalmente aqueles do mundo digital das inteligências artificiais. Por fim, consideraremos que o sujeito esclarecido do fim do medievo nutre percepções contrárias à sua realidade dogmática conservadora e que coincide com aspectos do sujeito pós-moderno do 'pensiero debole', descrente nas grandes narrativas.

Palavras-chave: Ensino; Filosofia; Semiótica.

1. Descrição histórica: ambiente fechado e narrativa aberta, memória e semiótica

O relato se passa no fim de 1327. O frade franciscano Guilherme de Baskerville e seu jovem assistente noviço beneditino Adso de Melk chegam a uma abadia no norte da Itália possivelmente em uma área que se encontra entre os confins da França, Piemonte e Ligúria. Aqui se encontram duas delegações, uma do Papa João XXII e outra do imperador Ludovico o Bávaro reunidas em campo neutro para discutir as posições extremistas sobre a pobreza de Cristo de expoentes da ordem

franciscana (fraticelli, espirituais). Segundo Bausi (2011) estamos diante de diversos paradoxos, pois Eco estrutura elementos da pós-modernidade, mas escreve um romance no medievo; é defensor da obra aberta, porém a história se passa em uma abadia fechada; seus personagens são na maioria religiosos, no entanto expõem ideias e concepções relativistas, materialistas e ateias. No espaço fechado e frio da abadia se encontram personagens importantes; alguns são fruto da invenção narrativa de Eco, outros são reais personagens históricos como Michele de Cesena, general dos franciscanos, Ubertino, Bernardo Gui e tantos outros. Portanto está plena de religiosos de toda espécie: frades e fraticelli, franciscanos, dominicanos, flagelados e outros religiosos pertencentes a ordens menores. O mais importante é que todos estão em confrontos e divididos em sustentar ou refutar a pobreza de Cristo e da Igreja: Mas, “a questão não é se Cristo era pobre, é se deve ser pobre a igreja. E pobre não significa possuir ou não um palácio, quanto manter ou abandonar o direito de legislar sobre as coisas terrenas” (ECO, 2018a, p.374).

Para Boff (1985) os movimentos reunidos em torno do ideal de pobreza procuravam um retorno ao ideal de uma igreja pobre e humilde, opondo-se à igreja imperialista e clerical. Espantado com o contexto no qual se encontrava o personagem Adso declara:

A península, na qual mais que em qualquer outro país o clero ostentava poder e riqueza, tinha gerado, havia pelo menos dois séculos, movimentos de homens voltados a uma vida mais pobre, em polémica com os padres corruptos, dos quais recusavam até os sacramentos, reunindo-se em comunidades autônomas [...] (ECO, 2018a, p. 87).

Em comparações com personagens de outros romances percebe-se que não é difícil relacionar Guilherme e Adso com a famosa dupla de investigadores de Arthur Conan Doyle, Sherlock Holmes e Watson: “suspeitamos imediatamente que Guilherme seja uma figura análoga a de Sherlock Holmes pois na abadia investiga uma série de delitos” (BURGESS, 1985, p. 185). Neste caso, como em outros romances policiais, o investigador segue uma série de falsas pistas. Essa técnica em busca de uma solução de crimes é necessária para o desenvolvimento de todos os pormenores da narração e criar uma série de tensões que enriquece a trama. Enquanto Guilherme segue as falsas pistas o texto apresenta diversos enxertos sobre o contexto histórico da época e a vida de diversos personagens como Ubertino, Remígio, Salvatore, Severino, Nicolas e a moça sem nome. Após a leitura dos primeiros capítulos percebe-se a

importância das diversas análises e discursos, monólogos, pensamentos, medos, desejos, amores, sonhos, apresentados na visão de mundo de cada personagem. Logo, o leitor encontra-se diante de uma profusão de discursos, debates, e polêmicas sobre Deus, a fé, a religião, a filosofia, a política, o poder, o clero, e os métodos da inquisição. Além dos diversos debates surgem referências a personagens históricos, como São Francisco de Assis, Frade Dolcino, Joaquim da Fiore, e tantos outros religiosos, pensadores e heréticos dos séculos XIII e XIV. Nesse sentido, “O nome da rosa une as estruturas e as técnicas do romance histórico àquelas do *giallo* metafísico² e das narrações auto reflexivas em voga na sua publicação” (CAPOZZI, 1985, p. 157). Por fim, em uma complexa análise arquitetônica e simbólica muitas páginas do livro são dedicadas à descrição da abadia e da biblioteca mostrando uma verdadeira exposição da estética medieval³.

² A metafísica policial torna-se o lugar agradável da narrativa em que Eco procura expressar sua teoria. “O romance policíesco representa uma história de conjectura em estado puro [...] No fundo a pergunta básica da filosofia é a mesma da história de detetive: de quem é a culpa?” (ECO, 2018b, p. 549).

³ Estética medieval é um tema que está no coração dos escritos de Eco. Em *O nome da rosa* aparece principalmente em manifestações artísticas como: o relevo do portal da igreja, a arquitetura da abadia, as relíquias da cripta, as iluminuras dos monges e no canto gregoriano, ou a própria obra como labirinto intertextual em que se pode entrar e não sair. Os primeiros estudos de Eco sobre o tema é sua própria tese *O*

Outra chave de leitura da obra é o contraste entre ambiente fechado e narrativa aberta, bem como os confrontos do contexto sociocultural. A abadia com sua importância e todas as suas regras aparece como um lugar fechado e isolado, apenas Remígio e Salvatore tem contatos com as pessoas do local para receber mantimentos. A maioria dos frades e administradores da abadia não tinham contato com a sociedade fora dos muros, com os centros urbanos, apesar de estes estarem em constante desenvolvimento, portanto, estão isolados de todas as transformações da sociedade, por isso, um dos monges, Aymaro de Alexandria afirma:

Nós estamos aqui, e lá embaixo nas cidades estão agindo... outrora de nossas abadias se governava o mundo [...] Nós ficamos colhendo trigo e criando galinhas, e lá embaixo trocam braços de seda por peças de linho, e peças de linho por sacos de especiarias, e tudo junto a bom dinheiro.

problema estético em Tomás de Aquino. Em outro texto Eco afirma que, “na idade média existe uma concepção de beleza puramente inteligível, da harmonia moral, do esplendor metafísico, e que nós só podemos entender esse modo de sentir se penetrarmos com muito amor na mentalidade e na sensibilidade daquela época” (ECO, 2010, p. 18). Na obra *Scritti sul pensiero medievale* (2012) encontra-se uma coletânea de praticamente tudo que Eco escreveu sobre estética medieval.

Nós guardamos nosso tesouro, mas lá embaixo acumulam-se tesouros. E mesmo livros. E mais bonitos que os nossos (ECO, 2018a, p.159).

De fato, a abadia tem pelo menos dois grupos em constantes embates, um são aqueles que querem abrir a abadia e a biblioteca para o mundo renascentista que está surgindo, o outro totalmente conservador defende a tradição até mesmo cometendo assassinatos. Tema central é também a sabedoria de Guilherme de Baskerville, em sua ação de investigador e em seus discursos recorre sempre a seu vasto conhecimento de textos filosóficos e científicos fazendo referências explícitas e implícitas a vários autores como Guilherme de Ockham (semiótica), Roger Bacon (ciência) e Marsílio de Padova (filosofia política). Utiliza ainda instrumentos considerados pioneiros naquele contexto como bússolas e óculos: “[...] enfiou as mãos no hábito [...] tirou um objeto [...] uma forquilha de modo a corresponder aos olhos, expandiam-se dois círculos ovais de metal, que encerravam duas amêndoas de vidro grossas” (ECO, 2018a, p. 111).

Nos diálogos com Ubertino e Severino arborista, Guilherme, demonstra que conhece a química de seu tempo e o poder das ervas referindo-se sempre a Roger Bacon, “tu sabes que venero Roger Bacon mais que qualquer outro dentre meus mestres (ECO, 2018a, p. 100).

No diálogo com Severino no laboratório ele registra: “em prateleiras, estendia-se uma série de ampolas, bilhas, vasos, repletos de substâncias de várias cores” (ECO, 2018a, p.100). Por outro lado, com a arte de ler os signos ele desenvolve uma verdadeira semiótica que aprendeu de seu amigo Guilherme de Ockham, “Ouvi dizer que agora está perto de um amigo meu que é da cúria, Guilherme de Ockham (ECO, 2018a, p. 93). A ciência⁴, a lógica e o conhecimento dos livros serão os três instrumentos que ajudarão Guilherme a resolver os mistérios da abadia. Uma vez que Guilherme e Adso entendem que os mistérios dos delitos estão relacionados à biblioteca e seus ferrenhos guardiões, começam a entrelaçar os fatos com o mistério de um texto proibido e escondido no coração da biblioteca. Mas, nem todos os críticos da obra estão de acordo com a performance desse personagem, para Zecchini (1985), por exemplo:

⁴ A obra apresenta Guilherme como um inovador também no campo das ciências da natureza e das novas invenções. “[...] progressos tecnológicos importantes aparecem e se desenvolvem a partir do século XI. Tal progresso que, essencialmente, era mais quantitativo do que qualitativo, não foi negligenciável. Difusão de instrumentos, de máquinas e de técnicas, conhecidas na Antiguidade, mas consideradas antes como raridades ou curiosidades do que inovações, tal é o aspecto positivo da evolução técnica no Ocidente medieval” (LE GOFF, 2018, p. 191).

Guilherme de Baskerville é o que nenhum homem do medievo podia ser: é a síntese das prováveis componentes de um ideal homem medieval interpretado com os olhos de nosso contemporâneo através da lente deformante da interpretação a posteriori dos acontecimentos históricos (ZECCHINI, 1985, p. 329).

Percebe-se ainda que logo de início Guilherme e Adso ficam impressionados com o tamanho e importância da biblioteca. Após os discursos com Alinardo e o Abade a biblioteca é compreendida como misteriosa, labiríntica e impenetrável: “a biblioteca estava repleta de segredos e especialmente de livros que nunca tinham sido dados aos monges como leitura” (ECO, 2018a, p. 171). Já no primeiro encontro entre Guilherme e Jorge no *scriptorium* percebe-se que este cego fala de livros proibidos, desaprova o riso e o cômico “o riso é coisa muito próxima da morte e da corrupção do corpo” (ECO, 2018a, p. 132). Ele não aprecia os desenhos e as miniaturas de Adelmo porque essas faziam uso do cômico: “[...] as comédias eram escritas pelos pagãos para levar os espectadores ao riso, e nisso faziam mal [...] o riso sacode o corpo, deforma as linhas do rosto, torna o homem semelhante ao macaco” (ECO, 2018a, p. 166).

Nesse sentido, “Jorge de Burgos representa aquela tradição que proíbe o riso, porém, [...] visto reconhecer que

rir é inerente ao ser humano, começa a aterrorizar os que riem” (GOÉS, 2009, p. 218). Guilherme entende que há um lugar secreto na biblioteca intitulado *finis africae*. O plano rígido e estruturado de Jorge vai se consumando e junto com as mortes, o fogo e a destruição. Sua zelosa defesa de uma verdade dogmática representa a ruína da parte conservadora do fim da idade média. Nem mesmo o abade Abbone escapa da mente assassina de Jorge: “E o abade? perguntou Guilherme. É ele que se agoniza na escada secreta? Jorge teve um instante de hesitação: Está vivo ainda? Perguntou. Pensei que já lhe tivesse faltado o ar” (ECO 2018a, p. 491).

Jorge destrói o livro, a biblioteca e a abadia que guardava o segredo. Mas, antes de comer o texto envenenado e de causar o incêndio que destrói tudo, ele ainda discute com Guilherme sobre o perigo do riso e daquele livro. Esta discussão encerra uma série de diálogos entre inteligência e diferentes ideologias travadas por Guilherme e Jorge, Guilherme e Bernardo Gui, Bernardo Gui e Remígio.

Para uma compreensão mais completa da estrutura do romance faz-se necessário uma atenção especial à “terrível história de Adso de Melk” (ECO, 2018a, p. 41), escrita e narrada pelo próprio Adso em idade avançada. Nesse aspecto a função da memória toma uma dimensão fundamental. Depois de muitos anos, Adso retorna ao lugar dos grandes acontecimentos de sua juventude a

procura de qualquer coisa que tenha resistido ao passar do tempo. Porém, encontra apenas: “[...] larvas de livros, aparentemente ainda sãs por fora, mas devorados por dentro: no entanto às vezes salvava-se meia folha, transparecia um incipit, um título...” (ECO, 2018a, p. 526).

Não tendo mais quase nada de real no mundo exterior resta, portanto, confiar na memória para reconstruir a história da qual foi testemunha e escreve na esperança de que seus futuros leitores tenham algum proveito e prazer. Riso e prazer na leitura significa para Eco inferências ou saltos foras do texto que acontecerão de acordo com capacidade enciclopédica de cada leitor. Adso deixa sua obra como testemunho sem saber como será interpretada: “deixo esta escritura, não sei para quem, não sei mais sobre o quê” (ECO, 2018a, p. 526). Nesse sentido, a própria obra é uma tentativa de fazer rir a verdade pois aborda temas clássicos da existência humana sem apontar respostas absolutas, é um labirinto em que facilmente pode-se desorientar na grande rede intertextual.

Com a mensagem final Adso sugere aos leitores procurar todos os significados do verso latino “stat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus⁵” (ECO 2018a, p. 526). Assim fica mais claro que é no próprio romance considerado como obra aberta que se deve procurar os textos que podem sugerir e explicar o significado do livro,

⁵ A rosa antiga está no nome, temos apenas nomes.

tanto quanto saberá encontrar o leitor. Esta explicação possível pode aparecer de vários âmbitos como a teologia, a história, a filosofia, o direito, a estética. As palavras de Adso são uma sugestão ao leitor de que leu uma história bem mais completa que uma simples *detective story*, nascida em torno de um livro proibido e suas páginas perigosamente envenenadas. Nesse sentido, a própria obra pode ser labiríntica pois a enxurrada de citações pode deixar o leitor atônito e incapaz de apontar qualquer caminho interessante, resta, portanto, um relativismo, ceticismo e niilismo⁶ absoluto.

Nesta pesquisa teremos o trabalho de ler a obra aberta encontrando os diversos embates e fontes filosóficas presentes no texto e considerando as estratégias literárias do autor modelo. Uma vez que a obra apresenta fontes que perpassam desde a filosofia grega até a contemporaneidade, não daremos conta de decodificar e

⁶ Da nossa análise percebemos que Guilherme e Adso passam por uma transformação existencial durante a trama sendo que os dois chegam ao fim com muitas caracterizas de sujeitos niilistas. O niilismo aqui é entendido na perspectiva de Nietzsche onde, “o niilismo é o processo histórico no curso do qual os supremos valores tradicionais – Deus, verdade, o bem – perdem seus valores e perecem” (ABBAGNANO, 1998, p. 758). É definido ainda como, “o niilismo radical é a condição da absoluta insustentabilidade da existência, quando se refere aos valores superiores que se aceitam, acrescenta-se ainda o sabermos que não temos o menor direito de fixar um além ou um ‘em si’ das coisas. (NIETZSCHE, 2001, p. 25).

problematizar todas as teorias filosóficas presentes no texto. Por isso enfatizamos apenas aqueles que estão diretamente ligados às teorias semióticas e a noção de sujeito que nasce do confronto entre medievo e pós-modernidade.

2. SEMIÓTICA, DELITOS E POLÍTICA: CONJECTURAS E METABDUÇÕES

Antes mesmo dos embates filosóficos entre as representações dos personagens da obra *O nome da rosa*, um fato surpreendente chama a atenção no início da trama. Trata-se da fuga do cavalo Brunello do monastério, que se torna uma ocasião importante para o personagem Guilherme de Baskerville demonstrar suas habilidades semióticas fundamentadas e influenciadas na teoria da abdução e semiose ilimitada de Charles Peirce (1974, 2005). Aparecem ainda outras influências filosóficas como o nominalismo de Guilherme de Ockham (1989, 2002); os jogos de linguagem, a filosofia e mística de Wittgenstein (2017, 2009). Teoria dos signos e embates filosóficos circundam todos os acontecimentos da obra, “no início do livro Guilherme nos introduz no segredo de seu método de investigação semiológica” (KERMODE, 1985, p. 194). Para Peirce, por exemplo, a abdução pode ser entendida como:

[...] o processo para formar hipóteses explicativas. É a única operação lógica a introduzir ideias novas; pois que a indução não faz nada mais que determinar um valor, e a dedução envolve apenas as consequências necessárias de uma pura hipótese (PEIRCE, 1974, p. 52).

No decorrer da trama Guilherme de Baskerville⁷ aparece sempre raciocinando de forma lógica e investigativa, ele testa várias estratégias de investigação, como no caso das marcas deixadas pelo cavalo Brunello e dos vários delitos e enigmas do monastério. Dessa forma seu secretário e narrador da trama, Adso de Melk o apresenta como “um homem tão agudo, e no que dizia respeito aos fatos da natureza sabia distinguir a mínima desigualdade e o mínimo parentesco entre as coisas” (ECO, 2018a, p. 158).

⁷ No andamento do texto apresentaremos o *éthos* de alguns personagens de forma resumida para ajudar na compreensão geral da problemática da tese. Apresenta-se aqui a etologia como, “a ciência que estuda os caracteres humanos, costumes e comportamentos de seres vivos que habitam o mesmo ambiente. Aristóteles usa esse termo para indicar as características das personagens que povoam o texto literário” (D’ONOFRIO 2004, p. 30).

Em determinado momento, ele próprio apresenta parte de sua biografia em conversa com Ubertino⁸:

[...] são passados dezoito anos. Voltei à minha terra. Estudei ainda em Oxford. Estudei a natureza [...] encontrei amigos muito sábios. Depois conheci Marsílio, atraíram-me as suas ideias sobre o império, sobre o povo, sobre uma nova lei para os reinos da terra, e assim acabei naquele grupo dos nossos confrades que estão aconselhando o imperador (ECO 2018a, p. 98).

Temos, portanto, uma trama que envolve seu personagem principal em embates, de um lado, gnosiológicos linguísticos e, de outra parte, em conflitos políticos e teológicos. O sentido da presença de Guilherme

⁸ Ubertino di Casale foi frade franciscano em Génova, por volta do ano 1273, e do seu convento lhe enviaram a Paris, onde prosseguiu os seus estudos durante quase dez anos. Transcorrido esse tempo, voltou à Itália onde se encontrou com João de Parma, que era o superior dos franciscanos espirituais. Depois de ocupar diversos cargos, abandonou o seu posto para se dedicar à predicação por esta região, convertendo-se no líder dos espirituais da Toscana. Por causa do fanatismo do movimento, especialmente dos fraticelli foram acusados de heresias pelo papa. Anos depois, deixou a ordem e pediu permissão para se retirar em um convento beneditino. Mas, como ele seguiu com suas doutrinas, foi finalmente excomungado pelo papa João XXII. Depois disto, Ubertino fugiu, provavelmente, para a Alemanha sob a proteção de Luís IV da Baviera.

naquela abadia ⁹ era ser “mediador entre a ordem franciscana e a sede pontifícia” (ECO, 2018a, p. 180). Na trama os minoritas¹⁰ estavam sendo acusados de heresia pelo papa João XXII¹¹ por defenderem a pobreza de Cristo e uma nova ordem social com a participação do povo, por sua vez, eram defendidos pelo imperador¹².

⁹ A abadia é o espaço mais amplo onde toda a trama é desenvolvida, “seja qual for o texto literário, é fundamental para capitar sua significação o levantamento e análise dos elementos espaciais” (D’ONOFRIO 2004, p. 99). Ao seu interno está o complexo da biblioteca, capela, horto, pocilgas etc... que serão fundamentais para a compreensão do todo da obra, isso porque “as abadias beneditinas desenvolveram um fecundo rolo cultural ao transmitir a tradição e ao produzir livros durante todo o alto medievo” (ROSSI, 1985, p. 265).

¹⁰ Segundo Eco, grupo de ramificação franciscana surgido do capítulo de Perugia que defendiam a pobreza de Cristo às vezes confundidos com outros grupos como fraticelli que usavam da violência, vinganças e loucuras sanguíneas para atingir seus objetivos (ECO, 2018a, p. 94, 183, 260, 374-375).

¹¹ Jacques d'Euse (João XXII) foi o segundo dos papas de Avignon, período em quem a sede pontifícia por conflitos com o rei da França Felipe IV (o belo) foi estabilizada em Avignon. “João XXII, eleito papa no conclave de Carpentras em 7 de agosto de 1316 era um pontífice autoritário, concentrador de poderes e convicto da *plenitudo potestatis papae* (plenitude do poder papal). Articulou o centralismo e enrijecimento doutrinário” (CAMASTRO, 2002, p. 9).

¹² Luís IV (1282-1347), conhecido como ‘o Bávaro’, foi Imperador Romano-Germânico de 1328 até sua morte. Com “o apelo de Sachsenhausen deslegitima os poderes políticos e morais do papado de Avignon [...] considera João XXII um herético epicureu que não crê na vida futura e inverte os valores da verdade, não colocando em prática os saberes de Cristo que não se apresentou ao mundo *in*

Apesar de ser um religioso, a personalidade de Guilherme é forjada de um forte ceticismo: “Incerto da minha verdade, mesmo se nela acredito” (ECO, 2018a, p. 240). Na sua atividade investigativa é conhecedor profundo da lógica aristotélica de dedução e indução, no entanto, procura formular hipóteses fora da lógica tradicional. Seu discípulo Adso confessa: “frequentando meu mestre, dera-me conta, e cada vez mais me dei conta nos dias que seguiram, que a lógica podia ser muito útil enquanto fosse possível entrar dentro dela e depois dela sair” (ECO, 2018a, p. 294). O modo como Guilherme utiliza a lógica é totalmente diferente de seus opositores, Abbone, Jorge e Bernardo Gui que conheceremos paulatinamente. Enquanto ele usa os instrumentos da lógica como utensílios momentâneos seus adversários a usam como regra dogmática. Apesar de ser um personagem ambientado no medievo, Guilherme raciocina com alguns pensamentos contemporâneos. A lógica vista como um instrumento de uso momentânea, uma rede, por exemplo, é ideia da filosofia de Wittgenstein (2017) onde “as diversas redes correspondem diversos sistemas de descrever o mundo” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 123). Em sua estadia na

habundanciam diviciarum (com abundancias de vícios)” (CAMASTRO, 2002, p. 9).

abadia¹³ comporta-se como uma pessoa que vê o mundo e a vida como uma rede, ou uma escada incorporando ao silêncio místico do primeiro Wittgenstein, “que é místico não é como o mundo é mas que ele seja” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 128). Guilherme vê sempre o riso, o cômico, a comédia como canal privilegiado para se comunicar a verdade, uma vez que esses canais são proibidos no monastério resta, portanto, o silêncio. De modo análogo o primeiro Wittgenstein estava certo que apenas a linguagem científica seria a mais clara e chegando ao seu limite deveria silenciar. Nesse sentido, uma das intenções do romance forjado pela intertextualidade é aquele apresentado por Lottarulo (1985) em que: “O investigador narrador e o leitor devem jogar fora a escada depois que subiram, e assim reconhecer que o sentido da narração é um sentido místico” (LOTTARULO, 1985, p. 90).

Nos fatos surpreendentes que analisaremos nas próximas páginas ficará claro que Guilherme assume também uma postura nominalista em vários momentos em que “as coisas não devem ser multiplicadas sem necessidade” (ECO, 2018a, p. 128). Ainda para Lattarulo (1985) “todo o romance se coloca sob o contexto da

¹³ Vale lembrar que a abadia e a biblioteca, que estudaremos mais adiante “[...] constituem imagens polissêmicas: são ao mesmo tempo *topic* do imaginário literário e filosófico, metáforas epistemológicas e operadoras de símbolos” (FORCHETTI, 2013, p. 191).

revolução filosófica constituída pelo ocamismo” (LOTTARULO, 1985, p. 91). Para Horia (1985) Eco expõe uma estrutura nominalista no romance da primeira à última página, de fato, as principais ideias nominalistas encontram-se presentes na obra; a primeira, de âmbito lógico e linguístico, “a ciência tem a ver com as proposições e seus termos, e os termos indicam coisas singulares” (HORIA, 1985, p. 119). A segunda, na esfera teológica social, “não existe leis universais pois implicaria uma ordem partindo das coisas e significaria que Deus era prisioneiro dessa ordem” (HORIA, 1985, p. 119). Diferentemente deve-se entender que Deus é totalmente livre e se não fosse o mundo teria outro aspecto. Guilherme de Baskerville é também adepto da ciência de Roger Bacon, para quem: “A nova ciência da natureza devia ser a nova grande empresa dos doutos” (ECO, 2018a, p. 238). Nos momentos de profunda angústia, sempre segundo Adso, Guilherme:

[...] estava absorto com olhar perdido no ar, como se não estivesse vendo nada [...] tirara do hábito um raminho daquelas ervas que o vira recolher semanas antes, e pusera-se a mastigá-las como se tirasse uma espécie de calma excitação (ECO, 2018a, p. 246).

Em outros momentos de sua vida praticava um constante filosofar, Guilherme decidiu não fazer mais

Re(senhas)

nada: “como se o ciclo dos astros tivesse parado, e ele também com eles [...] estendeu-se sobre o encherção com os olhos abertos no vazio e as mãos cruzadas no peito [...]” (ECO, 2018a, p.319). Guilherme foi acusado também de um profundo orgulho intelectual. Ao despedir-se de seu místico colega Ubertino, escuta as seguintes palavras: “adeus, Guilherme, és um inglês louco e arrogante, mas tens um grande coração” (ECO, 2018a, p. 420). Boa parte de seu tempo, Guilherme tenta dar conta da missão recebida pelo abade de desvelar as mortes da comunidade, “o abade levantou-se e apresentou Guilherme aos monges [...] e avisou-os de que lhe fora pedido para investigar sobre a morte de Adelmo” (ECO, 2018a, p. 133). Chega a acreditar em um assassino que siga os signos das sete trombetas do apocalipse, mas termina revelando os enigmas por acaso. Após falir sua missão de mediador do encontro e com a morte de Severino, Guilherme se concentra em busca de um livro misterioso e do assassino:

[...] encontro o deleite mais jubiloso em desenredar uma bela e intrincada trama [...] como filósofo, duvido que o mundo tenha uma ordem, consola-me descobrir, senão uma ordem, pelo menos uma série de conexões em pequenas porções dos negócios do mundo (ECO 2018a, p. 421).

Guilherme termina aparentemente falido em vários aspectos. Sua missão fracassou, não conseguiu prender o assassino e recuperar o livro que fazia rir a verdade, o segundo livro da poética de Aristóteles. Com o incêndio da biblioteca e consequentemente da abadia ele reafirma seu ceticismo: “a única verdade é aprendermos a nos libertar da paixão insana pela verdade” (ECO, 2018a, p. 518). Seu discípulo Adso que também herda sua visão de mundo narra o final de sua vida quando chegam em Munique:

[...] eu precisei separar, entre muitas lágrimas, de meu bom mestre [...] deu-me muitos bons conselhos para meus estudos futuros, e deu-me as lentes que Nicola lhe fabricara [...] não o vi mais. Soube muito mais tarde que morrera durante a peste que se alastrou pela Europa [...] rezo sempre para que Deus perdoe [...] os muitos atos de orgulho que sua soberba intelectual o fizera cometer (ECO 2018a, p. 524-525).

Já conhecendo agora a biografia de Guilherme passamos a analisar a filosofia semiótica que emerge do espantoso acontecimento da escapadela do cavalo Brunello. “Quando observamos o modo de raciocinar de Guilherme, sempre feito de observações, hipóteses e deduções [...]” (CAPOZZI, 1985, p. 164); percebe-se que ele

segue aquilo que Pierce (1974, 2005) chamou de tentativas de adivinhar ou seus três níveis de hipóteses. Por semiótica, Eco entende “a disciplina da natureza essencial das variedades fundamentais de toda possível semiose” (ECO, 2015, p. 182).

Guilherme está sempre observando a natureza como um sistema de signos codificados¹⁴ e reconhece na estrada ao chegar na abadia rastros (marcas) de animais na neve como de um cavalo. Isto possibilita especificar rastros como acontecimentos codificados numa enciclopédia¹⁵ cultural e social que o levam a inferir que são rastros “significantes relativos a uma certa classe de animais” (ECO, 2015, p. 206). A exibição das marcas na neve em si mesma é simplória pois se não são reconhecidas por Guilherme e tomadas como signos (sintomas ou indícios), permanece apenas uma marca sem correlação com seu conteúdo. O processo interpretativo

¹⁴ Na perspectiva de Eco pode-se “conceber o código como uma dupla entidade que estabelece de um lado correlações semânticas e de outro regras de combinabilidade sintática” (ECO, 2018c, p. 79). Isso porque a finalidade de um signo pode ser analisada em si mesmo ou em perspectiva de suas várias combinações em contextos diversificados.

¹⁵ A enciclopédia é um postulado semiótico. Não no sentido de que não seja uma realidade semiótica: ela é o conjunto registrado de todas as interpretações, concebíveis objetivamente como a biblioteca das bibliotecas, onde uma biblioteca é também um arquivo de toda a informação não verbal de algum modo registrada, das pinturas rupestres às cinematecas. Mas deve permanecer um postulado porque de fato não é descritível na sua totalidade (ECO, 1991, p.113).

requer uma correlação entre causas físicas de marcas causadas pelo cavalo e de um sujeito interpretativo que em situações existenciais diversas vai inferir uma proposição falsificável. Tudo isso gera um fenômeno semiótico; segundo Eco “a semiose é uma ação [...] que implica, uma cooperação de três sujeitos, o signo, seu objeto e seu interpretante” (ECO, 2015, p. 182). No primeiro momento, o animal concreto cavalo ainda não é chamado em causa, o que Guilherme já pode inferir é que o rastro se refere, por hábitos anteriores a uma classe de possíveis causas. Portanto, a relação semiótica de marcas com classe de possíveis causas resulta em uma série de possíveis ilustrações.

Por exemplo, a marca circular do fundo de uma garrafa de vinho sobre uma madeira ou papel não reproduz uma imagem completa da garrafa nem da qualidade do vinho, mas apenas uma imagem da base da garrafa. Do mesmo modo a base dos cascos de Brunello (marcas) deixadas no caminho expõe a forma do casco e apenas com ulterior ligação pode ser correlacionado a cascos de cavalos: “Uma marca é a projeção dos traços pertinentes do possível causador, sem ter ainda uma clara correspondência entre sintoma e causa” (ECO, 2015, p. 207). As marcas de Brunello são reconhecidas por Guilherme em seu gênero e espécie considerando o código catalogado de marcas em diferentes níveis. Por isso, ele reconhece não apenas marcas de um cavalo, mas “o

melhor galopador da escuderia” (ECO, 2018a, p. 61), devido à simetria perfeita da distância do galope e o “casco pequeno e arredondado” (ECO, 2018a, p. 61).

Aprofundando seu repertório de detetive semiótico, Guilherme testa outras formas de interpretação sígnica: sintomas e índices. A causa de um sintoma (indício, sinal), “é um traço ou componente do semema correlato a uma dada expressão-sintoma” (ECO, 2015, p. 207). Guilherme descobre sintomas (sinais, traços) quando encontra “ramos recém partidos na altura de cinco pés e longas crinas negras” (ECO, 2018a, p. 61). Reconhece que os fatos são correspondentes a uma força externa que agiu sobre a matéria, mas o código ainda não oferece nada sobre a natureza da causa (Brunello). Já os indícios (provas, evidências) “são objetos deixados por um agente externo no local onde algo aconteceu” (ECO, 2015, p. 207), Brunello deixa longas crinas negras sobre os espinhos o que leva Guilherme inferir a “pele negra” do cavalo, “a altura de cinco pés” e sua “calda suntuosa”. Aqui algo acontece sendo reconhecido como fisicamente ligado aquele agente, por isso, de sua presença efetiva ou possível pode-se deduzir a presença passada efetiva ou possível do agente.

Segundo Eco, para “os sintomas a enciclopédia registram uma contiguidade, presente ou passada necessária entre causa e efeito” (ECO, 2015, p. 207), por exemplo: marcas de cascos, galhos quebrados na altura de

cinco pés. Já os indícios ‘são sintomas complexos’ pois é preciso constatar primeiro a presença de um agente indeterminado. Depois considerar esse indício como agente possivelmente determinado, convencionalmente reconhecido como mais provável possuidor do objeto deixado (crina preta).

O código diz apenas que se a crina é preta seria porque algum portador de crinas pretas deixou-as aí, mas nenhuma informação enciclopédica pode dar-lhe certeza de que o possuidor fosse um cavalo. No primeiro momento as crinas pretas agem ainda como sintomas e não diretamente como indícios. O que a enciclopédia pode dizer é que entre tantos cavalos um deixou ali crinas negras. Até aqui Guilherme evidencia apenas as regras já conhecidas, marcas, sintomas, indícios que se referem a uma certa classe de causas e assim está ligado à abdução hiper-codificada. Nesse tipo de abdução “a lei é dada de maneira automática ou semiautomática [...] lei codificada [...] a interpretação através de códigos pressupõe um esforço abdutivo, por mínimo que seja” (ECO, 2015, p. 202). Mas havendo descoberto aquelas marcas, “naquele lugar e àquela hora do dia” (ECO 2018a, p. 66), podia enunciar de forma indicial: “um dentre todos os cavalos possíveis passara ali” (ECO 2018a, p. 66). É ainda uma convenção pragmática e hiper-codificada, mas com abertura a meta-abdução. Até aqui Guilherme conhece

apenas fatos surpreendentes desconexos através das abduções decodificantes:

A) que um cavalo passou por aquele lugar

B) (não identificado) deixou rastros redondos na neve

C) (não identificado) galhos quebrados a cinco pés de altura

D) (não identificado) crinas negras entre os espinhos

Nesse processo de desvelamento de acontecimentos extraordinários Guilherme passa de abduções hipercodificadas para hipocodificadas. Nestas:

[...] a regra deve ser selecionada dentre uma série de regras equiprováveis postas à nossa disposição pelo conhecimento corrente do mundo (enciclopédia semiótica) [...] a regra é selecionada pelo fato de ser a mais plausível entre muitas, embora sem a certeza de ser a correta, a explicação é apenas levada em consideração à espera das verificações subsequentes (ECO, 2015, p. 202).

As várias enunciações visuais que Guilherme experimenta podem formar um texto coerente ou desconexo. Para conhecer a sequência textual ele precisa

encontrar um *topic*¹⁶ textual que estabeleça uma coerência entre os dados ainda desconexos. A escolha de um *topic* não é certeza de um bom resultado, Guilherme realiza abduções para escolher entre leituras possíveis.

Assim, ele assume uma série de convenções intertextuais gerais codificadas: 1) pisando na neve o cavalo deixa a marca do seu casco; 2) movimentando-se na mata quebra os galhos na altura de cinco pés; 3) os espinhos retiveram crinas negras do cavalo. Diante disso, mesmo que outros fenômenos pudessem produzir o mesmo efeito Guilherme está em condições de ‘experimentar sua construção textual’.

Da abdução hipocodificada Guilherme passa para a metabdução. Esta, “consiste em decidir se o universo possível delineado pela nossa abdução de primeiro nível é o mesmo universo de nossa experiência” (ECO, 2015, p. 203). Guilherme não tinha certeza científica que sua hipótese textual fosse verdadeira, ela era apenas textualmente verossímil pois interpreta os dados de forma interconexa. Sabia que ali tinha passado um cavalo deixando marcas, sinais e sintomas que podiam ser interpretados por seu mundo afetivo de experiência. Mas o cavalo não pertencia apenas ao mundo da experiência de

¹⁶ Segundo Eco “*topic* é um instrumento metatextual, um esquema abdutivo proposto pelo leitor” (ECO, 2018d, p. 71). *Topic* pode ser entendido à primeira vista como tema, porém o termo tema “corre o risco de assumir outras acepções” (ECO, 2018d, p. 71).

Guilherme, pertencia ao mundo textual, enciclopédico. Mundo das crenças, mundo proposicional. O processo abduativo é criador de mundos, “[...] a lei deve ser inventada *ex novo*. Inventar uma lei não é tão difícil, desde que nossa mente seja suficientemente criativa” (ECO, 2015, p. 203).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guilherme tenta adivinhar, realiza uma metabdução delineando um cavalo do mundo das crenças idealizado por autoridades da época “Burudan e Isidoreo de Sevilha” (ECO 2018a, p. 62), que corresponde ao mesmo cavalo do mundo real que o seleiro procurava. Sua abdução tem êxito, mas Guilherme não quer ser um portador de verdades absolutas: “na realidade não o vimos, não é Adso?” (ECO 2018a, p. 62). Ele contenta-se em criar mundos possíveis e ser reconhecido, pois: “tolerava o vício da vaidade quando se tratava de dar provas de argúcia” (ECO 2018a, p. 62). O seleiro e funcionários não compreendem a semiose de Guilherme e ficam assustados, “passaram por nós continuando a nos olhar um tanto aturdidos” (ECO 2018a, p. 62).

Enfim, chama a atenção que o primeiro enigma que Eco coloca no romance tenha no centro um cavalo e não uma pessoa do monastério. Essa é uma forma de ironia pois o sujeito Guilherme porta um dualismo intrínseco ou

faz rir ou silencia e assim afirma “que o cavalo é inteligente demais para lançar-se escarpa abaixo” (ECO 2018a, p. 61). Isso quer dizer que em uma abadia de intelectuais controlada por um pequeno grupo de monges antiquados, devotos do dogmatismo e obscurantismo até um cavalo seria mais inteligente. Brunello não se atira escarpa abaixo, porém Adelmo de Otronto, monge inteligentíssimo e dotado da técnica da iluminura, suicida-se lançando-se da muralha. Além disso, pode significar que em um ambiente fechado e apavorado pela presença do demônio, “o abade olhou ao redor de si, [...] como se o inimigo vagasse entre aquelas paredes” (ECO 2018a, p. 67), até um cavalo tenta fugir. Interessante ainda é que na pirose final “brunello aurelado de fogo” (ECO 2018a, p. 517), foge definitivamente, e é um dos sobreviventes, mas, não sem antes atropelar o velho Alinardo que era inimigo de Malaquias e tinha sido no passado injustiçado, perdendo sua vaga de bibliotecário. Na tradição cristã auréola de fogo é colocada na figura de santos, assim de forma irônica a representação de Brunello pode ser interpretada como inteligente e santa qualidade que devia pertencer aos monges, mas naquela abadia do delito, reinavam o ciúme, a inveja, a morte, o terror e a corrupção.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO. **Dizionario di Filosofia**. 3 ed. Torino: Utet, 1998.

BAUSI, Francesco. **I due medioevi del nome della rosa**. **Semicerchio, Firenze**, n.44, p. 117-129, jan 2011.

BOFF, Leonardo. La doppia impasse della conservazione e della creazione. In: GEOVANNOLI, Renato *et al.* **Saggi sui Il nome della rosa**. Milão: Bompiani, 1985, p, 429-83.

BURGESS, Anthony. Sherlock medievale. In: GEOVANNOLI, Renato *et al.* **Saggi sui Il nome della rosa**. Milão: Bompiani, 1985, p, 185-189.

CAMASTRO, Francesco. **Saggio introdutório. Chiesa, societa e stato: la lesione filosófico-politica di Guglielmo D'Ockham**. In: OCKHAM, Guglielmo. Il filosofo e la politica. Milano: Bompiani, 2002.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do texto um: prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 2004.

ECO, Umberto. **Arte e beleza na estética medieval**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018a.

ECO, Umberto. **Pós-escrito a O nome da rosa**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018b.

ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1991.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2018c.

FORCHETTI, Franco. La narrativa dela conoscenza. Simboli e metafore nei romanzi di Umberto Eco. In: **Quaderni di linguaggi e interdisciplinarietà**. Macerata: Università di Macerata, n12, p.189-239, 2013.

GOÉS, de Paulo. O problema do riso em o nome da rosa, de Umberto Eco. **Aurora**. Curitiba, v. 21, n. 28, p. 213-240, jan./jun. 2009.

HORIA, Politeismo del nome dela rosa. In: GEOVANNOLI, Renato *et al.* **Saggi sui l nome della rosa**. Milão: Bompiani, 1985, p. 118-122.

Re(senhas)



KERMODE, Frank di. Tra misticismo e logica. In: GEOVANNOLI, Renato *et al.* **Saggi sui l nome della rosa**. Milão: Bompiani, 1985, p, 89-106.

LATTARULO, Leonardo di. Politeismo del nome dela rosa. In: GEOVANNOLI, Renato *et al.* **Saggi su Il nome della rosa**. Milão: Bompiani, 1985, p. 118-122.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Petrópolis: Vozes, 2018.

LEITE, Miguel Rodrigues. O agir moral conforme a Lei Eterna e a Lei Natural em Tomás de Aquino. **Revista Cacto - Ciência, Arte, Comunicação em Transdisciplinaridade Online**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. e22015, 2022. DOI: 10.31416/cacto.v2i2.411. Disponível em: <https://revistas.ifsertaope.edu.br/index.php/cacto/article/view/411>. Acesso em: 27 jan. 2026.

NIETZSCHE. **Vontade de potência**. Petrópolis: Vozes Paulo, 2001.

OCKHAM, Guglielmo. **Il filosofo e la politica**. Milano: Bompiani, 2002.

OCKHAM, William of. **Seleção de Obras**. São Paulo: Nova Cultura, 1989.

PACHECO, G. C. Boécio. **Kalágatos**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. eK23043, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/10698>. Acesso em: 27 jan. 2026.

PEIRCE, Sanders. Charles. **Escritos Coligidos**. São Paulo: Abril, 1974.

PEIRCE, Sanders. Charles. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ROSSI, di Nunzia. Um libro Proibito. In: GEOVANNOLI, Renato *et al.* **Saggi sui l nome della rosa**. Milão: Bompiani, 1985, p. 255-282.

SILVA, C. D. da. Poema de Alain de Lile : Sobre a rosa e a efemeridade da vida . **Polymatheia - Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 327-330, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/10987>. Acesso em: 27 jan. 2026.

ZECCHINI, di Giuseppe. Il medioevo de Umberto Eco.
In: GEOVANNOLI, Renato *et al.* **Saggi sui l nome della
rosa**. Milão: Bompiani, 1985, p, 322-369.